

Exílio, memórias e testemunho: para ler *Visto y vivido en Chile*, de Luis Alberto Sánchez

MATEUS FÁVARO REIS*

Nas trilhas da memória

*Yo creo que la memoria tiene fuerza de gravedad, siempre nos atrae
Los que tienen memoria son capaces de vivir en el frágil tiempo presente
Los que no la tienen no viven en ninguna parte*

Patricio Guzmán, *Nostalgia de la luz*, 2010

As palavras que concluíram o premiado documentário *Nostalgia de la luz*, do cineasta chileno Patricio Guzmán, iluminaram de forma poética e certa o lugar da memória na história.

Ao entrecruzar a investigação astronômica sobre as origens do universo, os trabalhos arqueológicos a respeito de grupos humanos que viveram na região do Atacama e a árdua busca, realizada por parentes há 28 anos, dos corpos de desaparecidos políticos durante a ditadura militar liderada por Augusto Pinochet, Guzmán conseguiu arquitetar os diferentes caminhos que levam à prospecção da memória em busca de seus acaçapados filões. Uma admirável metáfora que se desenrola fértilmente sobre a região mais árida do planeta Terra.

Todos em contínua busca de vestígios e evidências que possibilitam a tessitura de narrativas que tentam trazer à luz do conhecimento eventos primordiais da formação do universo, da trajetória dos seres humanos pelas Américas e de biografias que foram interrompidas de forma súbita e brutal. Tarefas difíceis, que não raras vezes, geram mais perguntas do que respostas. Uma instigante interpretação sobre a memória em um país que, segundo alguns entrevistados e o próprio Guzmán, está dividido entre o paradoxo do compromisso com a memória e a necessidade de esquecer – mesmo que parcialmente – os horrores do passado para poder traçar novos rumos (MITNICK, 2009: 211-234).

Apesar dos obstáculos, a busca pela memória é contínua em suas tramas cósmicas, arqueológicas – históricas – ou biográficas, pois ainda existem muitas

* Professor Adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

lacunas, que nutrem o desejo humano de conhecer, de ter uma interpretação plausível sobre suas dúvidas e de poder se situar no tempo presente. Do contrário, corre-se o risco de viver em nenhuma parte.

Mas, como bem enfatizou Paul Ricoeur, a organização da memória, por meio de configurações narrativas, é constituída por lembranças e esquecimentos. Cria-se um dever de memória. Por um lado é justo, uma vez que se busca resgatar a dívida em relação aos antepassados. No entanto, há um risco, o do abuso, quando as lembranças repetem os atos, quando veem no Outro um perigo, e que podem levar, por exemplo, às guerras ou a conflitos menores. Em suma, quando somente sobressai o seu lado passional, pode ocorrer uma espécie de tirania da memória, em que o futuro fica refém do passado (RICOEUR, 2007: 71-104).

Nostalgia de la luz enfocou um problema que envolve os trabalhos sobre a memória e seu diálogo com a história, que são importantes para focar os primeiros anos de *Ercilla*. Particularmente porque umas das poucas fontes para a sua concretização, além dos exemplares do semanário, é a obra memorialística do peruano Luis Alberto Sánchez, *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena (1930-1970)*, escrita na primeira metade dos anos 1970 e publicada pela primeira vez em Lima, pela *Editoriales Unidos*, em 1977. A obra recebeu três edições até os dias de hoje: em 1977 e 1990, no Peru, por *Editoriales Unidas* e DESA; em 2004, pela chilena *Tajamar Editores*.

Sánchez escreveu *Visto y vivido en Chile* a pedido de seu amigo Pablo Neruda, quando se reencontraram em Lima, no início de 1970. O peruano recordou alguns momentos dessa amizade baseada nos laços de leitor e editor que existiam entre eles, pois possuíam divergências irreconciliáveis, baseadas nas críticas de Sánchez ao ideário comunista (SÁNCHEZ, 2004: 15).

O texto precisa ser visto em sua natureza, como obra de memórias que, ao representar 40 anos de vida, mesclou experiências individuais e coletivas. Em relação aos primeiros capítulos da obra, Sánchez urdiu sua narrativa cerca de 40 anos após os fatos terem transcorrido. Tempo longo o bastante para o vivido se tornar um caleidoscópio de imagens, de lembranças e também de quimeras.

Como interpelar a narrativa fronteira de Sánchez, entre a memória e o testemunho? Qual é o seu valor como fonte para o historiador e quais são as respostas que podem ser construídas a partir do seu exame? O problema se estrutura a partir do momento em que o leitor cria uma expectativa de receber narrativas comprometidas com a realidade tanto por parte da história quanto dos relatos testemunhais. Para tornar o quadro mais complexo, Sánchez entrecruzou aspectos de sua memória individual com a memória coletiva do exílio aprista. Finalmente, o seu papel de intelectual privilegiado

na República das Letras não permite tratá-lo como um marginalizado na luta pelo poder, mesmo ao falar em nome de seus compatriotas exilados.

O autor não fez muitas observações diretas sobre a escrita memorialística ao longo do texto, nem sobre sua natureza, mas é possível argumentar que ele sentiu muitas dificuldades em ordenar os vestígios e fazer as releituras inerentes ao processo de rememorar, devido à superposição de cores e de matizes entre diferentes períodos, além das seleções sobre o que narrar e o que condenar ao esquecimento. Ele reconheceu os limites de seu relato e afirmou que estaria aquém das expectativas de Neruda, e até mesmo do que ele, Sánchez, gostaria de escrever: uma obra “sem subterfúgios, talvez com impertinência e certamente com ternura” (SÁNCHEZ, 2004: 22). Assim, transitou nas fronteiras entre objetividade e subjetividade. Afirmou, além disso, que sentiu a urgência de escrever suas memórias sobre o Chile após ler *Confieso que he vivido* de Neruda, memórias publicadas pouco tempo após o falecimento do poeta chileno, em 23 de setembro de 1973, mas que foram escritas, em parte, ao longo de sua vida.

Sánchez dialogou com as memórias de Neruda, mas nem sempre de forma explícita. Para os propósitos deste texto, mais interessante do que pensar na assaz problemática questão de se separar o mundo da realidade ao da imaginação, é conseguir promover um diálogo entre o discurso histórico e a narrativa memorialística e testemunhal de Sánchez. Em perceber que há uma temporalidade específica de ambas as narrativas e que não há oposição entre elas.

O trabalho com fontes memorialísticas certamente não está livre de obstáculos. A postura deve ser a do diálogo, de interpelação, algumas vezes de desconfiança, portanto, de crítica à obra de Sánchez. No entanto, não se pode deixar de buscar, em seus parágrafos, as várias portas de entrada para um mundo que não ficou registrado de outra forma a não ser nas recordações dos atores que o vivenciaram. Resulta muito mais interessante buscar na narrativa a forma como o autor procurou, mais do que refletir, fabricar seus mundos de referência.

Uma vez mais Santiago: exílio e contatos intelectuais

Durante os anos 30, Santiago renovou seu papel como polo de recepção de exilados oriundos de diversos países, a exemplo do que ocorrera em meados do século XIX. Se naquele século prevaleceram os argentinos, agora era a vez dos peruanos, em sua maioria apistas que fugiam de perseguições políticas. O Chile recebia, desse modo,

um vasto contingente de personagens que desempenharam um importante papel para a consolidação de um amplo projeto editorial e que ajudou a renovar o lugar de Santiago como um dos mais importantes centros de circulação de intelectuais e políticos de toda a América Latina.

Sánchez escreveu um capítulo especial sobre suas incursões no mundo editorial chileno, intitulado “Lenda e realidade da editora *Ercilla*”, e afirmou que ela representou um “oásis” para os exilados peruanos. Um local de “trabalho, cordialidade e apoio intelectual”, que se cultivou, segundo o intelectual peruano, com a sua incorporação à editora, ao lado do diretor argentino, que era casado com uma peruana e com quem havia trabalhado em Lima, Laureano Rodrigo, e com o apoio, acima de tudo, financeiro do liberal chileno Ismael Edwards Matte, que também atuava como redator da revista *Hoy*, que também pertencia à editora *Ercilla* (SÁNCHEZ, 2004: 57-58).

Com um tom crítico e irônico, Sánchez assinalou que “a atribuição dos chilenos contra *Ercilla* de que parecia uma editora peruana, não carecia de base, ainda que estivesse carregada de mesquinhez e exagero”. Se, de um lado, *Ercilla* publicava diversas obras escritas pelos integrantes do APRA, de outro, a editora “limitou-se a dar trabalho a um grupo de peruanos eficientes que rendiam mais que ninguém, pelas próprias circunstâncias em que se achavam, e que aceitavam salários inferiores à sua dedicação. Entretanto, não se sentiam explorados” (SÁNCHEZ, 2004: 59).

De início, pode-se perceber que Sánchez procurou ressaltar as dificuldades enfrentadas pelos exilados peruanos, ao enfatizar um ambiente em que ainda ressoavam os ecos das batalhas que envolveram o Chile e o Peru a partir da Guerra do Pacífico (1879-1883). Como relatou Sánchez em seu “prelúdio necessário”, ele havia crescido “como todos de [sua] geração, no reiterado culto de rancor contra aquele país. Chileno e bandido eram sinônimos” (SÁNCHEZ, 2004: 27). Contudo, antes do exílio Sánchez havia entrado em contato com alguns oficiais chilenos e organizado uma seção de livros chilenos na Biblioteca Nacional de Lima, enquanto exercia o cargo de subdiretor, na segunda metade dos anos 20.

Segundo Melgar Bao, o Chile acolheu cerca de 400 exilados apristas, entre 1934 e 1945. Nos anos 20 e parte dos anos 30, o México – onde fora fundada o APRA por Víctor Raúl Haya de la Torre, em 1924 – ao lado da Argentina, com o aprista Manuel Seoane – havia sido o principal centro de recepção de exilados. Contudo, o Chile adquiriu um lugar de destaque na (re)construção de uma rede intelectual aprista em toda

a América Hispânica, sobretudo durante as décadas de 30 e de 40 (MELGAR BAO, 2010: 155).

O papel de liderança propagandística e intelectual no Chile foi assumido por Sánchez, que possuía relações bastante estreitas com Haya de la Torre. Pouco depois, chegou Manuel Seoane, oriundo de Buenos Aires, o que reforçou o lugar do Chile na história do APRA. Para Melgar Bao, a ida dos exilados para o Chile vinculava-se a uma aposta pela via insurrecional que se forjaria a partir do sul do Peru (MELGAR BAO, 2010: 151).

No entanto, a explicação de Sánchez sobre o motivo que o levou a Santiago foi bem menos ativista. Ele relatou que tinha conhecido Laureano Rodrigo em Lima, na agência de anúncios e editora de revistas *The International Publicity Company*, onde havia sido secretário e o argentino, gerente. Após enfrentar problemas financeiros como chefe de uma empresa de venda de terrenos, Laureano Rodrigo foi com a família para o Chile e deixou Sánchez como seu advogado no Peru. Depois de assumir a direção da ainda pequena e recém-criada editora *Ercilla*, Laureano Rodrigo convidou Sánchez para participar de sua empreitada devido à sua “afeição aos livros” e aos problemas que enfrentava no Peru (SÁNCHEZ, 2004: 2004, p. 49-50).

Sánchez começou a trabalhar em *Ercilla* no dia 15 de dezembro, como chefe de propaganda e assessor literário, com um salário de 1500 pesos por mês. Disse que precisava fazer ainda duas traduções por mês e outros escritos para equilibrar o orçamento mensal (SÁNCHEZ, 2004: 51).

O memorialista mostrou-se sensível à complexidade da situação dos exilados. Por um lado, enalteceu suas qualidades individuais e coletivas, o desejo comum em reconstruir suas vidas, em buscar a incorporação na sociedade de recepção, mesmo que provisoriamente, em demonstrar gratidão pelo acolhimento. Por outro, salientou as dificuldades, os desafios e as injustiças que permeavam seu dia-a-dia, isto é, as incertezas que pairavam no horizonte:

O trabalhador no desterro é o que mais se aproxima do ambiente do século anterior. Insensivelmente ele sofre os efeitos da irremediável tendência humana a explorar os outros em proveito próprio. Em *Ercilla*, entretanto, não havia exploração. Recebíamos um pouco menos da medida habitual, mas, ao longo do tempo, os salários se nivelaram. Os chilenos trabalhavam menos e recebiam mais. Isso nos parecia normal. Minha jornada de trabalho representava dez horas; a de Pérez Treviño, frequentemente, doze (SÁNCHEZ, 2004: 60).

O quadro pintado por Sánchez valorizou o esforço e a dedicação dos exilados para a construção de *Ercilla*, mesmo que a retribuição financeira fosse considerada parcialmente injusta por alguns deles. Contudo, na condição de “desterrados”, o seu poder – não a capacidade – de negociação via-se restrito. Assim, sobressaiu uma espécie de triunfo moral dos exilados em uma sociedade que habitualmente se representava como superior aos vizinhos do norte.

Sánchez argumentou que compreendia desde o princípio que nunca deixaria de ser estrangeiro e que não ganharia a simpatia de muitos escritores chilenos. Como destacou Edward Said, “os exilados olham para os não-exilados com ressentimento. Sentem que eles pertencem a seu meio, ao passo que um exilado está sempre deslocado”. Eles buscam “compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar” (SAID, 2003: 54). Podem fermentar seus ambientes, mas não se pode ficar indiferente à dramaticidade do deslocamento, do não pertencer a um certo local, sobretudo quando se trata de exilados e não de expatriados ou emigrados.

Não obstante, como salientou Todorov, o homem desenraizado tem a possibilidade de conseguir superar esse ressentimento, o que lhe abre novos horizontes permeados pela curiosidade e pela tolerância. Com isso, ele pode passar a difundir um efeito desenraizador ao seu redor (TODOROV, 1999: 27). Para interpretar as memórias de Sánchez, também é importante pensar com Ángel Rama, a respeito da “arriscada navegação do escritor exilado”. Para Rama, as obras dos escritores exilados possuem em seu horizonte de expectativa três públicos distintos. O do seu país, o do país de acolhida e o de seus compatriotas exilados. Além disso, é muito comum o escritor exilado escolher o gênero ensaístico, uma vez que ele proporciona uma maior flexibilidade para os três públicos ao mesmo tempo (RAMA, 1978: 100).

No caso das memórias de Sánchez, é importante considerar que ele possuía esses públicos em seu horizonte, ainda que as tenha escrito posteriormente ao exílio. Em primeiro lugar, ele precisava descrever para os peruanos, apistas ou não, sobre a experiência do exílio, bem como ressaltar as dificuldades em se lutar desde outro país. Em segundo lugar, como lhe havia pedido Neruda, era preciso relatar aquela experiência também para os chilenos, o que o levou a redimensionar tanto as disputas, problemas e lutas contra os preconceitos, quanto às conquistas alcançadas em território estrangeiro. Em suma, Sánchez necessitou entrecruzar sentimentos de crítica e de gratidão em relação aos chilenos, o que não é uma tarefa tão simples assim. Finalmente, suas memórias foram escritas para os exilados remanescentes, que voltaram em sua maioria

ao Peru, em meados da década de 1940, mas que tiveram que sair novamente, entre 1948 e 1956, durante o governo de Manuel A. Odría. Ainda que centradas em sua experiência, Sánchez buscou falar por todo um vasto grupo que precisou aprender a reconstruir suas vidas em um país que até então era visto como hostil.

Em sua balança, ocorreu o cruzamento entre memória individual e coletiva ao argumentar que seus oponentes mais ativos ocupavam os dois extremos do cenário político-cultural chileno e peruano. Os ataques, assim, vinham de um lado, pelos oligarcas e conservadores; de outro, pelos comunistas (SÁNCHEZ, 2004: 121-122).

Segundo Nelson Manrique, após o rompimento com a Internacional Comunista, no começo de 1927, Haya de la Torre militou contra o comunismo no Peru, os quais eram vistos como grandes idealizadores e polemistas, mas pouco práticos. Além disso, Haya buscava responsabilizar os comunistas pelas perseguições que outros grupos de esquerda sofriam no Peru. Por sua vez, os comunistas criticavam a APRA por seus pressupostos pouco revolucionários, por não ver aos indígenas e proletários como os motores da luta revolucionária no Peru, por ser um movimento de “classe média” (MANRIQUE, 2009: 61-63).

Para Melgar Bao (2010: 158-159), as tensões políticas e ideológicas entre os apristas e os comunistas peruanos, chilenos e argentinos se acentuaram, entre 1927 e 1935. Somente para citar um exemplo, o aprista exilado Manuel Seoane publicou em Santiago um opúsculo de combate de título *Comunistas criollos: disección polémica de la charlatanería roja*, por meio do qual criticava os projetos dos comunistas como europeístas e não adequados para a chamada *Indoamérica*. Ao lado de Haya de la Torre, Sánchez também publicou obras que combatiam os caminhos adotados pelos comunistas, como *Dialéctica y determinismo, la revolución y el individuo*, pela editora *Ercilla*, em 1938.

Assim, as relações entre os comunistas e os apristas durante a formação e o governo da Frente Popular foram difíceis. Os apristas se aproximaram dos socialistas e de setores mais à esquerda do Partido Radical, mas tiveram problemas com as posições políticas de personagens vinculados ao universo comunista, como Volodia Teitelboim e Pablo Neruda.

Ao escrever *Visto y vivido en Chile*, o memorialista peruano enfocou, como objeto principal, ora como comentários complementares, suas desavenças com Neruda e outros comunistas chilenos. Ao tratar sobre seus primeiros contatos com Benjamín Subercaseaux e a sua primeira obra publicada por *Ercilla*, *Chile o una loca geografía*,

em 1940, Sánchez disse que ela representava em prosa o que *Canto general* de Neruda representava em verso, “mas isenta de ódio, com amor crítico” (SÁNCHEZ, 2004: 178).

Sánchez criticou a atuação do Partido Comunista no interior da Frente Popular e assinalou que os apristas haviam se afastado dos comunistas novamente durante a Segunda Guerra Mundial. Primeiro porque eles haviam acatado o pacto “Stalin-Hitler”, ao passo que “nós considerávamos os nazistas como a facção mais perigosa do imperialismo”. Segundo porque os comunistas haviam aconselhado, a seu ver, na aproximação incondicional com os Estados Unidos, enquanto “Haya insistia em que a aproximação poderia ocorrer somente baseada em uma nova política, de respeito às democracias representativas”. Para Sánchez, as discrepâncias estavam ancoradas em visões de seguir as diretrizes soviéticas ou na “meditação sobre o destino e as conveniências latino-americanas” (SÁNCHEZ, 2004: 182).

Assim, a análise das memórias de Sánchez não pode estar desvinculada das disputas que ocorriam tanto no Chile quanto no Peru dos anos 20, 30 e 40 a respeito da interpretação do pensamento marxiano e marxista, das ações da Internacional Comunista nas Américas, de se colocar como os autênticos defensores do anti-imperialismo, e do papel buscado pelas lideranças políticas entre os grupos de esquerda, na tentativa de catalisar e capitanear os anseios de transformações das camadas médias e mais baixas daqueles países.

Sánchez e Seoane também se envolveram em outras disputas, particularmente contra alguns críticos literários e escritores chilenos, que reivindicavam maior divulgação de obras chilenas nas páginas do semanário *Ercilla* e nos livros da editora. Sánchez argumentou que, em conjunto com Laureano Rodrigo, havia percebido que os livros dos autores chilenos vendiam menos que os de outros hispano-americanos ou europeus. Assim, as críticas que brotavam em distintos rincões estavam embasadas, para memorialista peruano, em avaliações parciais e injustas, pois acentuavam um presumido menosprezo da editora em relação aos escritores nacionais (SÁNCHEZ, 2004: 61-62).

No entanto, é possível concordar com Sánchez de que *Ercilla* buscou promover diversos autores chilenos, como, entre muitos outros, Pablo Neruda, Vicente Huidobro, Benjamín Subercaseaux, Fernando Santiván e Joaquín Edwards Bello. Além disso, o crítico literário Ricardo Latcham, um dos principais oponentes de *Ercilla*, no final dos anos 30, enviou algumas colaborações para o semanário durante as décadas de 40 e 50.

Para Melgar Bao (2010: 152), o modo de vida dos exilados flexibilizou as fronteiras entre a esfera intelectual e política no Chile, que apresentavam um ambiente favorável à ascensão de grupos que defendiam transformações a favor das camadas médias. Além do mais, Martín Bergel sustentou que os apistas levaram para o Chile um perfil de intelectual engajado na gesta revolucionária que “deveria ser, além de um homem entregue incansavelmente à ação, alguém preparado intelectualmente para a agitação política ou para o desenho e dar a partida de programas de transformação social”. O que marcou os intelectuais apistas foi a busca em conjugar suas disposições estéticas e literárias com a militância (BERGEL, 2010: 307-308).

Em terra estrangeira, os apistas – ao lado de exilados argentinos, venezuelanos e espanhóis – encontraram um terreno bastante fértil, pois, como sublinhou Alberto Aggio, ao endossar a interpretação de Maria Rosaria Stabili e de Eugenio Tironi, os chilenos viam no “Estado o artífice e a garantia da coesão social” e construíram um imaginário coletivo que enfatizou a importância da política em suas vidas cotidianas (AGGIO, 1999: 34-35).

Todos os exilados apistas tiveram espaço em *Ercilla*? Ela realmente foi um “oásis” para os peruanos, ou alguns conseguiram uma inserção mais profunda na sociedade chilena do que outros? Segundo Manrique e Haya de la Torre, Sánchez não passou pela dramaticidade do exílio por possuir prestígio entre os círculos intelectuais hispano-americanos:

Vivia com a comodidade do catedrático reconhecido internacionalmente, estudando, publicando, viajando constantemente, desfrutando das vantagens que os militantes comuns invejavam. Uma situação que certamente estava muito distante da vivência comum dos exilados e dos humildes apistas que combatiam contra a ditadura desde a clandestinidade (MANRIQUE, 2009: 68).

Embora seja importante tomar a afirmação de Manrique com cautela, pois estavam muito próximas das críticas realizadas por Haya de la Torre a Sánchez, não se pode negar que o editor de *Ercilla* experimentou algumas facetas do exílio bem distintas de seus contemporâneos, o que lhe valeu parte das diversas críticas que recebeu, particularmente entre os integrantes do APRA. O próprio Sánchez relatou que alugava uma casa de dois andares e cinco quartos no bairro de Providencia, em Santiago, por 500 pesos chilenos, e que recebia cinco mil pesos chilenos mensalmente por suas atividades em *Ercilla* e direitos de autor (SÁNCHEZ, 2004: 135). Não busco, contudo, a contrapelo das advertências de Said, minimizar o drama de Sánchez, pois, ainda que

tenha sulcado novos mares com desenvoltura, o fato de ter que lutar pela construção de uma nova vida, longe de Lima, o aproximava dos seus companheiros.

A leitura das memórias de Sánchez não pode estar desatenta do evidente desejo do autor de imbricar sua trajetória com a dos demais exilados. Ele também buscou responder muitas críticas que recebeu e representar-se como um homem de ação. Em suma, muitos exilados peruanos, vinculados particularmente ao APRA, lidaram com a dramaticidade da vida no exílio, ao lado de alguns venezuelanos, espanhóis, argentinos e equatorianos, mas souberam trilhar caminhos, que abriram horizontes extremamente fecundos para o mundo dos impressos e das ideias no Chile e em outros meridianos da América Hispânica. No interior de uma situação que jamais se mostrava satisfatória e segura, desenvolveram um projeto de reconstrução por meio da vida editorial, a partir da criação e renovação de laços intra e extragrupais. Entrecruzaram suas atividades com os meios intelectuais chilenos, ao cultivar diálogos, ações em conjunto, por um lado; e muitos embates e críticas, por outro.

Referências bibliográficas

AGGIO, Alberto. *Frente popular, radicalismo e revolução passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, 1999.

BERGEL, Martín. La desmesura revolucionaria. Prácticas intelectuales y cultura vitalista en los orígenes del APRA peruano. (1921-1930). In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Vol. 2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 301-324.

MANRIQUE, Nelson. “¡Usted fue aprista!” *Bases para una historia crítica del APRA*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009.

MELGAR BAO, Ricardo. Huellas, redes y prácticas del exilio intelectual aprista en Chile. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Vol. 2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 146-166.

MITNICK, Gilda Waldman. Chile: la persistencia de las memorias antagónicas. *Política y Cultura*, n. 31, p. 211-234, primavera 2009.

RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exiliado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 35, p. 95-105, mar.-abr. 1978.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Visto y vivido en Chile: bitácora chilena*. Santiago: Tajarar, 2004.

SUBERCASEAUX, Bernardo. Editoriales y círculos intelectuales en Chile, 1930-1950. *Revista chilena de literatura*, Santiago, n. 72, p. 221-233, abril de 2008.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.